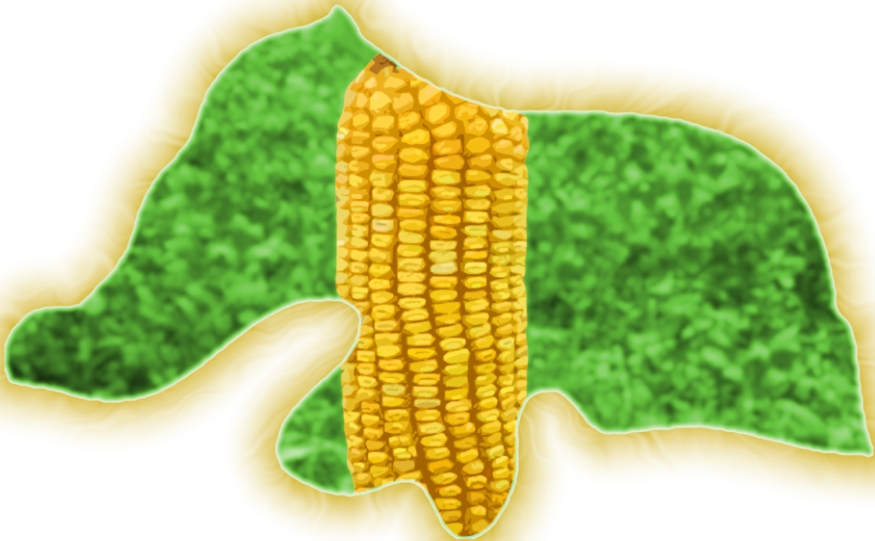


Aspectos Agroeconômicos da Cultura do Milho: Características e Evolução da Cultura no Estado do Rio Grande do Norte entre 1990 e 2004





*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1678-1953

Agosto, 2006

Documentos 88

Aspectos Agroeconômicos da Cultura do Milho: Carac- terísticas e Evolução da Cultura no Estado do Rio Grande do Norte entre 1990 e 2004

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca
Cristiano Campos Nazário
Diego Costa Mandarinó

Aracaju, SE
2006

Disponível em: <http://www.cpatc.embrapa.br>

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Av. Beira Mar, 3250, Aracaju, SE, CEP 49025-040

Caixa Postal 44

Fone: (79) 4009-1300

Fax: (79) 4009-1369

www.cpatc.embrapa.br

sac@cpatc.embrapa.br

Comitê Local de Publicações

Presidente: Edson Diogo Tavares

Secretária-Executiva: Maria Ester Gonçalves Moura

Membros: Emanuel Richard Carvalho Donald, José Henrique de Albuquerque Rangel, Julio Roberto Araujo de Amorim, Ronaldo Souza Resende, Joana Maria Santos Ferreira

Supervisor editorial: Maria Ester Gonçalves Moura

Normalização bibliográfica: Josete Cunha Melo

Tratamento de ilustrações: Maria Ester Gonçalves Moura

Foto(s) da capa: Milton José Cardoso

Editoração eletrônica: João Henrique Bomfim Gomes

1ª edição

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Cuenca, Manuel Alberto Gutiérrez

Aspectos agroeconômicos da cultura do milho: características e evolução da cultura no Estado do Rio Grande do Norte entre 1990 e 2004 / Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca, Cristiano Campos Nazário, Diego Costa Mandarin. - Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2006.

32 p. : il. color. - (Documentos / Embrapa Tabuleiros Costeiros, 88)

Disponível em <http://www.cpatc.embrapa.br> ISBN 1678-1953

1. Milho - Economia. 2. Milho - Rio Grande do Norte. I. Cuenca, Manuel Alberto Gutiérrez. II. Nazário, Cristiano Campos. III. Mandarin, Diego Costa. IV. Título. V. Série.

CDD 633.15

© Embrapa 2006

Autores

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca

Economista, M. Sc. em Economia Rural, Pesquisador da
Embrapa Tabuleiros Costeiros,
Caixa Postal 44, Av. Beira Mar 3250,
Aracaju, SE, CEP 49025-040
E-mail: cuenca@cpatc.embrapa.br,

Cristiano Campos Nazário

Estudante de Economia da Universidade Federal de
Sergipe, Estagiário da Embrapa Tabuleiros Costeiros
E-mail: cristiancn100@yahoo.com.br

Diego Costa Mandarino

Estudante de Economia da Universidade Federal de
Sergipe, Estagiário da Embrapa Tabuleiros Costeiros
E-mail: mandarino@yahoo.com.br e
mandarino@cpatc.embrapa.br

Sumário

| | |
|--|----|
| Aspectos conjunturais da cultura do milho | 8 |
| Situação da cultura no Brasil | 10 |
| Evolução da produção de milho no Estado do Rio Grande do Norte de 1990 a 2004 | 15 |
| Evolução da área colhida com milho no Estado do Rio Grande do Norte de 1990 a 2004 | 19 |
| Evolução do rendimento com milho no Estado do Rio Grande do Norte de 1990 a 2004 | 21 |
| Considerações Finais | 22 |
| Referências Bibliográficas | 24 |
| Anexos | 25 |

Aspectos Agroeconômicos da Cultura do Milho: Características e Evolução da Cultura no Estado do Rio Grande do Norte entre 1990 e 2004

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca

Cristiano Campos Nazário

Diego Costa Mandarinó

No Estado do Rio Grande do Norte, a cultura do milho (*Zea mays L.*) é praticada consorciada com outras culturas, predominando o sistema de consórcio com feijão (IBGE, 2005a). O seu cultivo é pouco tecnificado, devido ao fato de a cultura ser utilizada basicamente para subsistência da maioria dos grupos familiares, com utilização apenas de mão-de-obra própria. Em virtude da sua descapitalização, não conseguem contratar trabalhadores fora da propriedade e, geralmente, por falta de garantias reais, os bancos não lhes concedem nenhum tipo de crédito agrícola (CUENCA, 1997, 1998, 2000).

O milho é muito importante no Rio Grande do Norte, seja sob o ponto de vista alimentar, ou como opção econômica de exploração agrícola em pequenas propriedades familiares, sendo importante, também, como atividade de ocupação da mão-de-obra agrícola familiar.

As pequenas propriedades são determinantes na produção com a cultura, haja vista que, no Rio Grande do Norte, cerca de 57% da área colhida com milho é localizada em propriedades de até 50 hectares. O milho também gera renda e emprego no setor agrícola estadual por ser cultivável em todas as regiões e por se adaptar facilmente aos diversos tipos de solo e clima existentes no Estado.

Levando em consideração a importância que essa cultura tem para o Rio Grande do Norte, decidiu-se elaborar este trabalho que visa a: 1) analisar as características conjunturais da cultura do milho; 2) analisar a evolução da área colhida, da quantidade produzida e do rendimento por hectare da cultura no Estado do Rio

Grande do Norte; 3) avaliar as diferentes contribuições de cada município em relação ao Estado, entre 1990 e 2004.

Aspectos conjunturais da cultura do milho

O milho lidera o volume de produção de grãos no mundo. Em 2004, foram produzidos por volta de 721 milhões de toneladas, sendo movimentados no mercado internacional mais de 70 milhões de toneladas anuais. A América do Norte liderou a produção alcançando, no ano de 2004, mais de 43% da produção mundial, a Ásia respondeu por 26%, a Europa gerou 13%, a América do Sul produziu 9% e a África, 6%.

A produção mundial de milho, entre 1990 e 2004, apresentou evolução de 49%, sendo que foi na América do Sul onde houve maior aumento de produção nesse período, chegando a 106%, seguida pela América do Norte, onde o total colhido aumentou 37%. Na África o aumento ficou em 15% (FAO, 2005).

A contribuição dos principais países na produção mundial, entre 1990 e 2004, também apresentou oscilações no que se refere à participação na composição do total mundial.

Em 1990, os maiores produtores eram os Estados Unidos, com 43%, e a China, que respondia por 21%. O Brasil ocupava o terceiro lugar entre os principais produtores, contribuindo com apenas 4% da produção mundial (FAO, 2005).

Em 2004, os países com maior contribuição na produção mundial foram: Estados Unidos, China, Brasil, México, França, Argentina, Romênia, Índia, Indonésia e Itália. Esses dez países responderam naquele ano, por aproximadamente, 80% da produção mundial de milho, uma cultura praticada em aproximadamente 135 países (FAO, 2005).

A contribuição dos países mais expressivos na produção mundial de milho, em 2004, é apresentada na Figura 1.

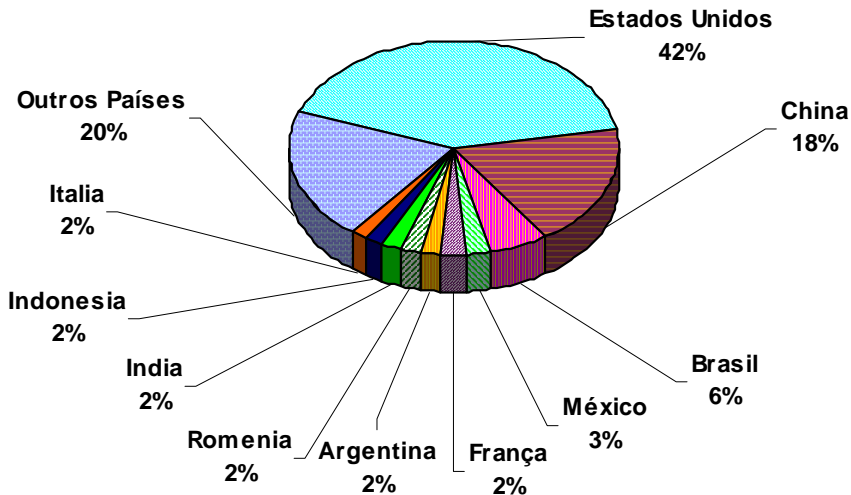


Fig. 1. Participação dos principais países na produção mundial de milho em 2004
Fonte: FAO - 2005.

Em 2004 foram colhidos, no mundo, cerca de 147 milhões de hectares de milho, sendo a maior parte no continente asiático (31%). Na América do Norte concentravam-se 21%; na África, 18%; na América do Sul, 12% e na Europa, 11%.

A área colhida com milho no mundo, entre 1990 e 2004, apresentou evolução de 12%, sendo que na América do Sul houve um aumento de 14%; na América do Norte a área colhida com milho se expandiu 10% e na África a expansão foi de 8%.

O rendimento mundial da cultura, entre 1990 e 2004, evoluiu 33%. A América do Sul apresentou o maior aumento de rendimento nesse período, chegando a 81%; na América do Norte o aumento ficou em 40%; na América Central, 21% e na Oceania, 11%. No continente africano foi onde a cultura registrou menor evolução no rendimento (7%) (FAO, 2005).

Situação da cultura no Brasil

No Brasil existem atualmente 38 milhões de hectares plantados com lavouras anuais, das quais, aproximadamente 13 milhões de hectares são ocupados com milho que, ao lado da soja, é um dos cultivos anuais com maior área cultivada no país. A cultura do milho é desenvolvida em todo o território nacional, com a utilização das mais diversas tecnologias. Estima-se que aproximadamente 20% da produção sejam destinados ao autoconsumo nas unidades produtoras. O milho participa, em média, com 64% e 66% na composição da ração destinada à avicultura e à suinocultura, respectivamente (AGRIANUAL, 2003).

Segundo dados da FAO, no período entre 1990 e 2004, o Brasil registrou um aumento de 94% na quantidade produzida de milho e uma expansão de apenas 9% na área colhida. Esses números comprovam que o aumento na quantidade produzida deveu-se, principalmente, à elevação da produtividade, o qual teve um impulso de 80% no mesmo período (FAO, 2005).

Em 1990, 55% da produção brasileira de milho originavam-se na Região Sul; 25%, no Sudeste; 15%, no Centro-Oeste; 3% no Nordeste e 2% no Norte. Em 2004, as participações na produção nacional das Regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte foram de 42%, 26%, 23%, 7% e 2%, respectivamente, mantendo-se, portanto, a supremacia da Região Sul na geração da produção de milho brasileiro. (IBGE, 2005).

A distribuição regional da área cultivada com milho no Brasil, em 1990, era da seguinte maneira: 42% localizavam-se na Região Sul, 24% ficavam no Sudeste; no Centro-Oeste, concentravam-se 19%, no Nordeste 12% e no Norte 3%. Em 2004, houve suave queda na contribuição das duas principais regiões produtoras, assim como pequeno crescimento na contribuição das outras três regiões, como pode ser observado na Figura 2, onde estão os dados da participação regional na produção, área e valor da produção de milho no Brasil, nos anos de 1990 e 2004.

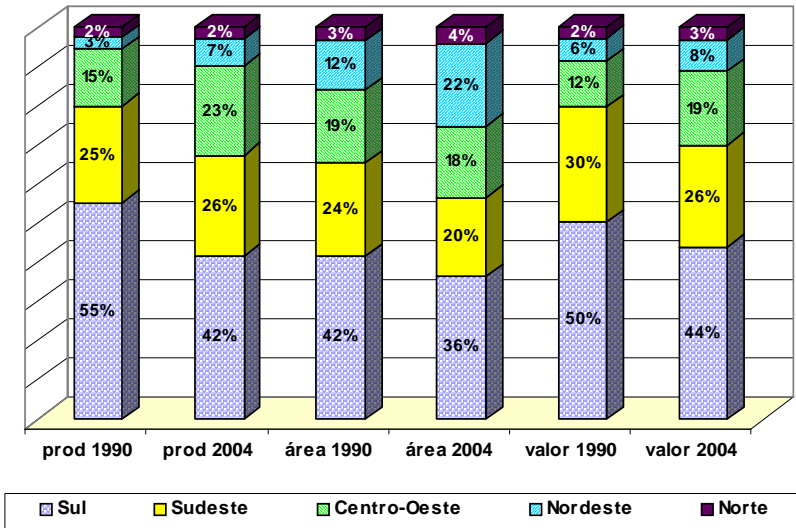


Fig. 2. Participação regional na produção, área colhida e valor da produção brasileira de milho em 1990 e 2004.

Fonte: IBGE,2005b.

Em escala estadual, o Paraná gerou no ano de 1990 a maior parte do milho brasileiro (23%), seguido pelos Estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A participação dos principais Estados produtores de milho é apresentada na Figura 3.

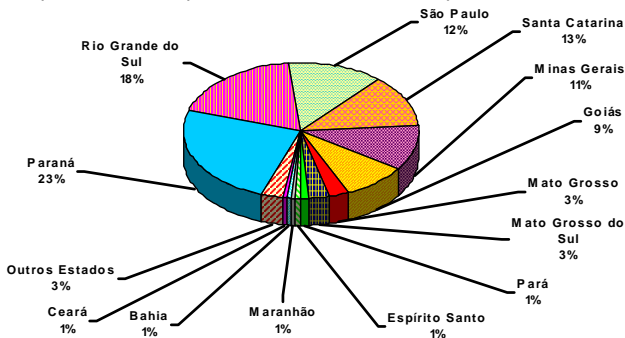


Fig. 3. Participação por Estado na produção brasileira de milho em 1990.

Fonte: IBGE,2005b.

Em 2004 continuou a supremacia do Estado do Paraná, seguido de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. A participação dos principais Estados produtores no total brasileiro, é apresentada na Figura 4.

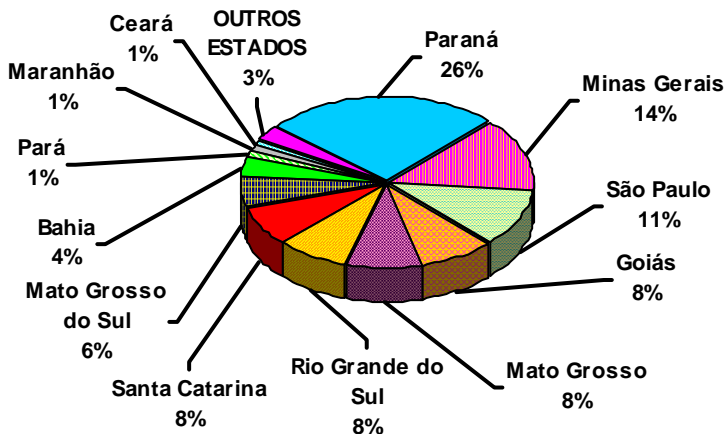


Fig. 4. Participação por Estado na produção brasileira de milho em 2004.

Fonte: IBGE, 2005b.

A maior parte dos plantios de milho utilizando cultivo isolado e sistemas de irrigação, geralmente automatizados, está situada nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste; o milho também pode ser desenvolvido em cultivo intercalado, principalmente com feijão, podendo ser associado também, com varias culturas de ciclo curto, tais como: fumo, amendoim, inhame, mandioca etc. Este método procura maximizar o uso da área por hectare e, naturalmente, eleva as possibilidades de adquirir maior renda por unidade produtiva, principalmente na Região Nordeste, onde o milho é explorado, geralmente, em áreas menores que os módulos correntemente usados no Sul, Sudeste e Centro-Oeste (IBGE, 2005a).

Pode-se verificar que, quanto maior o tamanho da propriedade, melhor é a diluição dos custos fixos, sendo que, na safra 1999/2000, o custo médio por saco numa propriedade de 150ha foi de US\$ 5,40 e de US\$ 4,94 para propriedades com área de 450 ha (AGRIANUAL, 2000). Isto se justifica pelo fato de que a pequena propriedade leva desvantagem, principalmente na diluição do custo fixo e no investimento líquido por hectare, como no caso do impacto causado pelo custo da mecanização, que é maior na pequena propriedade, que

tem custo adicional do aluguel da máquina, já que não vale a pena o pequeno produtor adquirir uma colheitadeira automotriz.

A forma de exploração (em consórcio e milho solteiro) e os níveis de tecnologia aplicados são os determinantes na produção de receita por unidade de área explorada. Em 2001, a média de rentabilidade pela milhocultura no Brasil foi de R\$ 512,16 por hectare; na Região Nordeste foi de R\$ 185,08 por hectare, enquanto nas regiões Sudeste e Sul esse valor foi de R\$ 562,71 e R\$ 628,40 por hectare, respectivamente. (IBGE, 2005b).

No Nordeste, devido às diferentes condições edafoclimáticas e sistemas de produção utilizados pelos pequenos, médios e grandes produtores fazem com que alguns Estados registrem produtividades e rentabilidade por hectare muito abaixo da média brasileira, como é o caso de Bahia, que atingiu os R\$ 342,60 por hectare, seguido dos Estados de Sergipe, com R\$ 206,66; Maranhão, com R\$ 196,51; Piauí, com R\$ 113,22; Paraíba, com R\$ 105,55; Rio Grande do Norte, com R\$ 52,62 e Pernambuco, com R\$ 48,88 por hectare, em 2001 (IBGE, 2005b).

Os produtores brasileiros de milho sofrem a cada ano, em função do aumento dos custos de produção. Eles têm a desvantagem de não terem o preço de venda formado em dólar, como no caso da soja, enquanto os insumos utilizados são regidos pela variação cambial.

Por outro lado, a desvalorização da moeda brasileira, ocorrida no final de 1998, privilegiou indiretamente os produtores de milho, já que no curto prazo, devido à mudança do cenário econômico provocada por essa desvalorização, fez com que os setores da produção animal, grandes consumidores de rações preparadas a base do milho, aumentaram a demanda de rações para incrementar as exportações de carne (AGRIANUAL, 2000).

Os preços pagos aos produtores de milho, entre 1993 e 2001, apresentaram quedas constantes. Assim, a auto-sustentabilidade do produtor de milho é muito delicada, pois os preços, em algumas regiões, chegaram a cair em quase à metade, em comparação aos existentes em 1993, como foi o caso da Região Sudeste (São Paulo), onde se registrou queda de 47%; no Paraná caíram 42%, em Goiás declinaram 42% e no Rio Grande do Sul, a queda foi de 41% (Tabela

Tabela 1. Média** dos preços pagos ao produtor de milho nas principais regiões produtoras do país 1993 a 2002– US\$/saca de 60 kg

| Estados | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 |
|-------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| São Paulo | 8,71 | 8,58 | 7,95 | 7,95 | 6,43 | 7,38 | 5,12 | 7,00 | 3,97 | 4,58 |
| Paraná | 7,75 | 7,58 | 6,63 | 7,96 | 6,06 | 6,52 | 4,71 | 6,08 | 3,67 | 4,51 |
| Goiás | 7,32 | 7,11 | 7,05 | 6,93 | 5,81 | 5,98 | 4,19 | 5,89 | 3,50 | 4,28 |
| Rio Grande do Sul | 8,2 | 8,07 | 7,52 | 8,72 | 6,46 | 7,15 | 5,43 | 6,23 | 3,90 | 4,87 |

**Média anual em dólares deflacionados segundo o Índice de Preços no Varejo(CPI-U)

Fonte: Agriannual, 2003.

Com as alterações na moeda argentina, sucedidas no ano de 2001, as importações de milho ficaram mais acessíveis e baratas, isso fez com que os preços internos apresentassem redução naquele ano.

Já no último biênio (2001/2002), ocorreu uma recuperação nos preços pagos ao produtor, devido ao desequilíbrio entre oferta e demanda, ocasionado pela queda da safra de verão a partir de 2001 e a quebra da safrinha de 2001/2002, devido a problemas climáticos nos principais estados produtores. Outro fator de melhoria nos preços pagos ao produtor, nesse biênio, foi a elevação na demanda de grãos por parte da avicultura e suinocultura que, em 2002, responderam por 52% e 32% do total do consumo animal de milho, respectivamente (AGRIANUAL, 2003). A desvalorização do real perante o dólar influenciou duplamente o mercado do milho, por um lado, impedindo a importação, principalmente da Argentina, de onde vieram 1.516.325 toneladas em 2000 e apenas 24.931 toneladas em 2002 e por outro lado, o alto valor do dólar estimulou as exportações, chegando a 5,63 milhões de toneladas em 2001. Para 2002, previam-se exportações insignificantes, devido ao reduzido saldo da safra 2001; mas, o total de 1,53 milhões de toneladas, exportadas nos primeiros sete meses de 2002, contrariou totalmente as expectativas iniciais. A grande quantidade das exportações, somada à diminuição de área plantada (1ª safra) a partir da safra 2000/2001, devido ao crescimento do plantio de soja, seguramente trouxe problemas de abastecimento em 2003, resultando uma elevação nos preços do produto no início desse ano. Isto pôde propiciar oportunidade de melhores ganhos aos produtores da segunda safra, assim como aos produtores nordestinos, que fazem seus plantios coincidindo com a segunda safra do Sul e Sudeste (AGRIANUAL, 2003).

Como dito anteriormente, em situações de desequilíbrio entre a oferta e a demanda, os preços internos do milho ficam acima dos da paridade internacional, o que não acontece com os produtos destinados ao mercado internacional, como a soja. Assim os produtores de milho terão uma espécie de reserva de mercado, pois como as despesas de importação são elevadas (fretes, taxas, cambio, etc.) o produto importado, posto na indústria, custa aproximadamente US\$7,00/saca, muito acima do preço pago ao produtor brasileiro, podendo este último atingir o limite do mencionado preço de importação.

Em médio e longo prazos há preocupação mundial de produzir bioenergia, como o caso do incentivo dado nos Estados Unidos para a produção de álcool de milho, a ser aproveitado como aditivo natural nos combustíveis para veículos, gerando, com certeza, modificações no mercado internacional de milho e seguramente favorecendo as exportações brasileiras nos próximos anos.

O Brasil, tradicionalmente, comercializa o excedente da produção. Mas, além de ocupar na atualidade o quarto lugar no ranking mundial, deverá tornar-se o terceiro maior exportador de milho daqui a dez anos (AGRIANUAL, 2004).

Alguns analistas de mercado estimam projeções de queda na relação entre estoque e consumo mundial, caindo de 12% em 2004/05 para 10% em 2012/13. Com base nessas projeções, os preços do milho no mercado internacional deverão alcançar níveis mais altos em longo prazo, valorizando-os em 30%. Essa situação oferece ao Brasil a oportunidade única e exclusiva de aumentar ainda mais sua produção e participação no mercado internacional, avançando sobre as áreas atualmente cultivadas com a soja e outras culturas (AGRIANUAL, 2004).

Evolução da produção de milho no Estado do Rio Grande do Norte de 1990 a 2004

A cultura do milho no estado do Rio Grande do Norte de forma geral concentra-se em pequenas propriedades, pois segundo o Censo Agropecuário de 1996, cerca de 57% da área estadual com milho concentrava-se em propriedades com área menor a 50ha. Entre os municípios que mais participam na produção estadual observa-se que em alguns deles tais como Baraúna, Mossoró e Apodi a

concentração de área colhida com milho em propriedades menores de 50ha atinge percentuais acima dos 43%. Em alguns municípios potiguares o estrato de propriedades com área entre 50ha e 200ha é muito significativo como é caso dos municípios de Ipangaçu, Alto do Rodrigues e Carnaúbas.

Observa-se que em muitos municípios potiguares a cultura assume papel fundamental na agricultura familiar, com predomínio de pequenas propriedades¹.

A concentração de área por grupo de área cultivada com milho no Rio Grande do Norte e nos principais municípios produtores é mostrada na Figura 6.

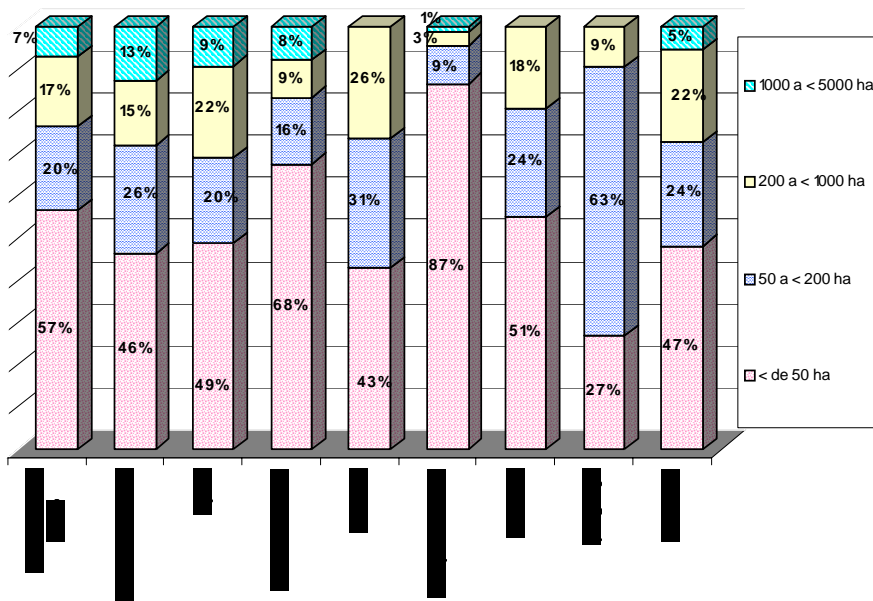


Figura 6 - Concentração de área colhida com milho por grupo de área no Rio Grande do Norte e nos principais municípios produtores em 1996.

Fonte: Censo Agropecuário do Brasil, 1996-IBGE.

¹ Valores calculados a partir da tabela 3, em anexo.

O Estado do Rio Grande do Norte, segundo dados estatísticos do IBGE, produziu 7.736 toneladas de milho em 1990, aumentando sua produção em 1997 (43.170 toneladas) e subindo, ainda mais, em 2004 (60.570 toneladas). O cultivo do milho demonstrou ser de fundamental importância na sobrevivência da agricultura familiar potiguar, encontrando-se presente em quase todos os municípios do Estado, ainda que, em alguns municípios, sua presença seja inexpressiva. O município de Campo Redondo aparece, em 2004, como principal produtor estadual, produzindo por volta de 2.400 toneladas de milho; todavia, no início da década, este município apresentava uma produção de 9 toneladas.

Em relação à evolução da produção de milho no Estado do Rio Grande do Norte, pode-se perceber que o Estado apresentou uma evolução de 683%, no período entre 1990 e 2004. A produção dos principais municípios sofreu oscilações positivas no decorrer do período em estudo. O município de Lajes Pintadas foi o que sofreu a maior evolução da produção entre os principais municípios, com 53.900%, em seguida aparecem os municípios de: Presidente Juscelino, com 30.900%; Campo Redondo, 26.567%; Bom Jesus, 21.500%; Santa Cruz, 17.400%; Doutor Severiano, 3.567%; São Pedro, 2.440%; Apodi, 1.578% e Lagoa Salgada, 943%.

Separando-se a análise dos dados de evolução em dois períodos iguais (1990/1997 e 1997/2004), observa-se que, no primeiro período, o Estado do Rio Grande do Norte apresentou evolução de 458%. O município de Lajes Pintadas, com incremento de 39.800%, foi o destaque do primeiro período, seguido de Campo Redondo, com 21.400% e Presidente Juscelino, com 20.167%. No período compreendido entre 1997 e 2004, o Estado do Rio Grande do Norte apresentou aumento de 40% na produção. Em relação aos principais municípios produtores de milho, a maior evolução foi apresentada pelo município de Alto do Rodrigues, com 2.638%, vindo em seguida os municípios de: Ipangaçu, com 1.576%; São Pedro, 388%; Apodi, 340%; Doutor Severiano, 329% e Santa Cruz, com 247%.

Em relação à participação de cada município na produção estadual pode-se constatar que, em 1990, o município de São Miguel era o líder na produção de milho no Estado do Rio Grande do Norte, contribuindo com 19% da produção estadual, vindo em seguida os municípios de Nova Cruz e Ipangaçu, com 6%, cada, sendo seguidos pelos municípios de Coronel João Pessoa e Santo Antô-

nio, com 4%, cada. Os percentuais de participação dos principais municípios na produção de milho do Rio Grande do Norte em 1990, são apresentados na Figura 6.

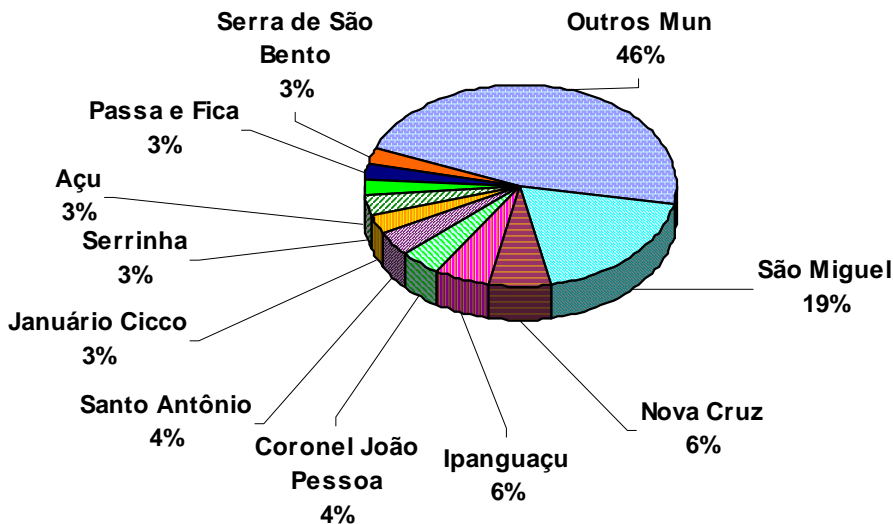


Fig. 6. Participação percentual dos principais municípios na produção de milho no Rio Grande do Norte, 1990.

Fonte: IBGE – 2005b

Em 2004, o município de Campo Redondo passou a ser o grande produtor estadual, participando com 4% de toda a produção de milho no Estado do Rio Grande do Norte - observando que, em 1990, este município possuía uma participação quase nula - seguido pelos municípios de Santa Cruz, São Miguel, Apodi, Doutor Severiano, Baraúna, que participaram com 3% da produção estadual.

Os percentuais de participação dos principais municípios na produção de milho do Rio Grande do Norte em 2004, são apresentados na Figura 7.

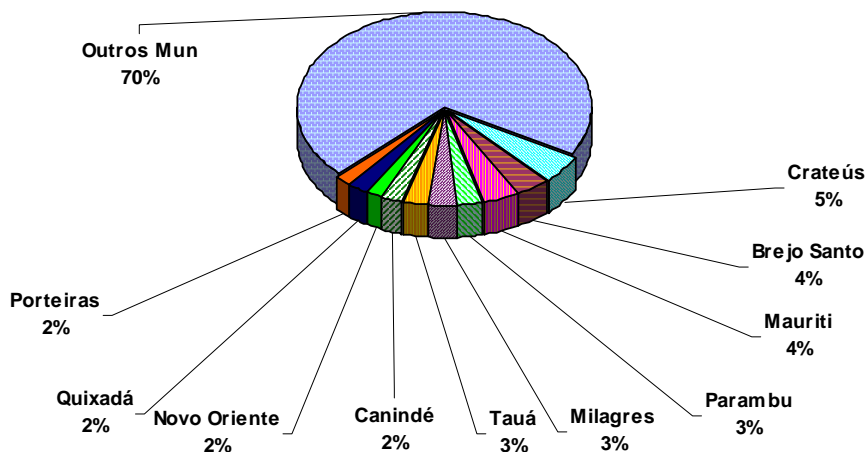


Fig. 7. Participação percentual dos principais municípios na produção de milho no Rio Grande do Norte, 2004.

Fonte: IBGE – 2005b

Evolução da área colhida com milho no Estado do Rio Grande do Norte de 1990 a 2004

O Estado do Rio Grande do Norte registrou evolução na área colhida com milho, passando de 40.755ha em 1990, para 87.143ha em 2004. Este acréscimo de área colhida representou um aumento de 114% na quantidade de hectares com a cultura, no período de 1990 a 2004.

A área estadual sofreu oscilações no decorrer do período, apresentando elevação na maioria dos municípios. O município de Senador Elói de Souza demonstrou a maior evolução entre os principais concentradores de área colhida no período (1.083%), vindo a seguir os municípios de: Bom Jesus, com 917%; Presidente Juscelino, 806%; Apodi, 568%; Coronel Ezequiel, 413%; Lagoa Salgada, 317%; Santa Cruz, 309% e Campo Redondo, com 299%.

Dividindo-se a série histórica em estudo em dois períodos iguais, 1990/1997 e 1997/2004, observa-se que, entre 1990 e 1997, o Estado do Rio Grande do Norte apresentou evolução de 155%, sendo que o município de Bom Jesus foi o mais representativo em termos de evolução (747%), seguido de Apodi, com 659%. O município de Presidente Juscelino ficou com evolução de 599% e Campo Redondo, com 528%.

No segundo período, compreendido entre 1997/2004, o Estado do Rio Grande do Norte demonstrou queda de 14% em sua área colhida. O município que apresentou a maior evolução foi Doutor Severiano com incremento de 286% na área colhida com a cultura, vindo em seguida São Pedro, com 171%; Senador Elói de Souza, 99%; João Câmara, 97%; Santa Cruz, 95%; Januário Cicco, 86%; Lagoa d'Anta, 43%; Presidente Juscelino, 30% e Bom Jesus, com 20%.

Examinando-se os municípios com maior produção no Estado do Rio Grande do Norte em 1990, percebe-se que o município de São Miguel, concentrava o maior percentual de participação na área colhida estadual, com 16%, seguido pelos municípios de: Nova Cruz, com 6%; Santo Antônio, com 4% e Florânia, Januário Cicco, Serrinha e Parelhas que ficaram com 3%, cada (IBGE, 2005).

A concentração de área cultivada com milho dos demais municípios do Rio Grande do Norte em 1990, é apresentada na Figura 8.

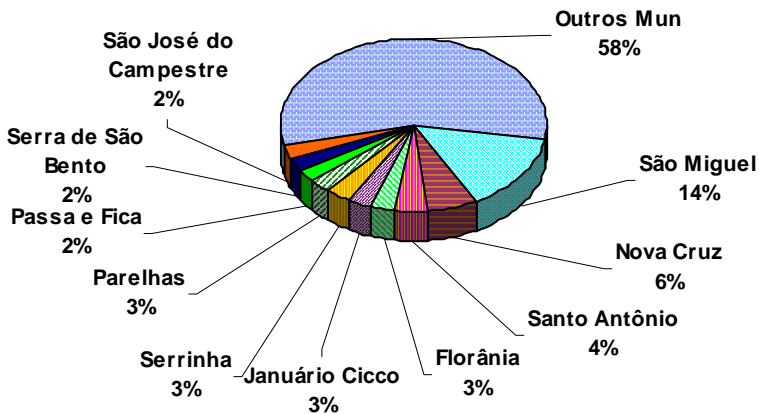


Fig. 8. Participação percentual dos principais municípios do Rio Grande do Norte na área colhida com milho, em 1990.

Fonte: IBGE – 2005b

Em 2004, a área determinada para a colheita do milho sofreu elevação na maioria dos municípios. O município de Santa Cruz, Campo Redondo, Apodi e São Miguel passaram a serem os principais concentradores de área colhida com milho (3%, cada). A concentração de área dos demais municípios do Rio Grande do Norte é apresentada na Figura 9.

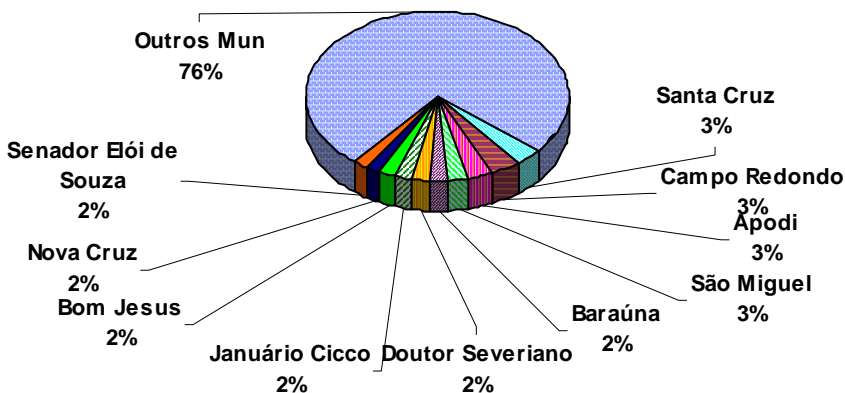


Fig. 9. Participação percentual dos principais municípios do Rio Grande do Norte na área colhida com milho, em 2004.

Fonte: IBGE – 2005b

Evolução do rendimento com milho no Estado do Rio Grande do Norte de 1990 a 2004

Em 1990, o Estado do Rio Grande do Norte apresentava um rendimento médio de 189kg/ha. Os municípios que apresentaram as maiores produtividades entre os principais municípios produtores foram: Ipanguaçu, com 2.200kg/ha cada; Lagoa Salgada, com 300kg/ha; Apodi, com 298kg/ha e São Miguel, com 250kg/ha.

Em 2004, os milharais potiguares passaram a obter produtividades médias de 695kg/ha; naquele ano, os principais municípios produtores que obtiveram os maiores rendimentos com a cultura foram: Ipanguaçu e Alto do Rodrigues, com

2.200kg/ha; Doutor Severiano, com 1.000kg/ha; São Miguel e Lajes Pintadas, com 900kg/ha; Baraúna, com 845kg/ha; Campo Redondo, com 800kg/ha; Apodi e Lagoa Salgada, com 750kg/ha; Mossoró e São Pedro, com 749kg/ha e Bom Jesus, com 720kg/ha.

O Estado do Rio Grande do Norte apresentou, no período entre 1990 e 2004, uma evolução de 268% na produtividade da cultura do milho. Os municípios principais produtores no Estado evoluíram seu rendimento, entre 1990 e 2004, nos seguintes percentuais: Lajes Pintadas, com 7.400%; Campo Redondo, 7.173%; Santa Cruz, 4.275%; Presidente Juscelino, 3.429%; Bom Jesus, 2.082%; São Pedro, 1.398%; Doutor Severiano, 900% e São Miguel, com 260%. As diferenças dessas produtividades municipais devem-se, principalmente, às diferentes condições edafoclimáticas e também as diferentes tecnologias e sistemas produtivos usados pelos produtores em cada um dos municípios potiguares.

Analisando-se o período compreendido entre 1990 e 1997, pode-se perceber que o Estado do Rio Grande do Norte demonstrou aumento de 120%, sendo que os municípios mais evoluíram naquele período foram: Campo Redondo, com evolução de 3.618%, seguido de Lajes Pintadas, com 2.942%; Presidente Juscelino, 2.888%; Santa Cruz, 2.363%; Bom Jesus, 1.276%; Doutor Severiano, 798%; São Pedro, 732%; São Miguel, 260%; Lagoa Salgada, 164% e Januário Cicco, com 140%.

Quando se observa o período de 1997 a 2004, o Estado apresenta uma evolução de 67%, tendo como destaque os municípios de Alto do Rodrigues, com evolução de 1.000%; Mossoró, 732%; Ipangaçu, 633%; Baraúna, 604%; Apodi, 400%; Lajes Pintadas, 147%; Campo Redondo, 96% e São Pedro, com 80%.

Considerações Finais

O milho é cultivado em todo o Brasil e sua área cultivada vem aumentando nos últimos anos, chegando aos 13 milhões de hectares em 2004, representando 25% do total da área cultivada com culturas temporárias.

Entre as regiões produtoras, a Região Sul é a de maior destaque, produzindo quase a metade do total produzido no país.

Na Região Nordeste a rentabilidade da cultura é muito baixa, devido, em grande parte, aos baixos preços pagos pelo produto aos produtores.

No Estado do Rio Grande do Norte a cultura do milho é desenvolvida, geralmente, associada ao feijão e a outras culturas de subsistência, por pequenos produtores familiares, predominando os estratos de área menores que 50ha.

No Estado do Rio Grande do Norte a cultura apresentou uma evolução na produção de 683%, no período entre 1990 e 2004.

A produtividade estadual ainda é baixa, mas progrediu muito passando de 189/kg/ha, em 1990, para 695kg/ha, em 2004, devido principalmente ao uso de novas tecnologias por parte dos produtores potiguares.

Em relação à participação de cada município na produção estadual, pode-se constatar que, em 1990, o município de São Miguel era o líder na produção de milho no Estado do Rio Grande do Norte, contribuindo com 19% da produção estadual; já em 2004, foi o município de Campo Redondo que passou a ser o grande produtor estadual, participando com 4% de toda a produção de milho no Estado.

Referências Bibliográficas

AGRIANUAL. Agriannual 2005 – **Anuário da Agricultura brasileira**. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio ed. Argos.

CUENCA, M.A.G. **Perfil Caracterização agrossocioeconômica dos produtores de coco do município de Pacatuba-SE**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 1997. 6p. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Pesquisa em Andamento 50).

CUENCA, M.A.G. **Diagnóstico agrossocioeconômico da agropecuária no município de Barra dos Coqueiros**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 1998. 9p. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Comunicado Técnico 20).

CUENCA, M.A.G. **Perfil agrossocioeconômico dos produtores de coco do município de Conde-BA**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2000. 14p. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Documentos 25).

FAO. Foundation Agricultural Organization, Roma :FAOSTAT Database Gateway – FAO. Disponível: <http://apps.fao.org> – consultado no mês de dezembro de 2005.

IBGE - **Censo Agropecuário do Brasil-1996**. IBGE Rio de Janeiro: IBGE - Sistema IBGE de recuperação automática – SIDRA. Disponível: <http://www.ibge.gov.br> – consultado em novembro de 2005a.

IBGE - **PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL** IBGE- Rio de Janeiro: IBGE - Sistema IBGE de recuperação automática – SIDRA. Disponível: <http://www.ibge.gov.br> – consultado no mês de dezembro de 2005b.

Anexos

Tabela 2. Produção de milho e área colhida com o milho nos municípios do Rio Grande do Norte 1990, 1997 e 2004.

| | Quantidade Produzida (tonelada) | | | Área Colhida (hectare) | | |
|-------------------------|---------------------------------|--------|--------|------------------------|---------|--------|
| | 1990 | 1997 | 2004 | 1990 | 1997 | 2004 |
| Rio Grande do Norte | 7.736 | 43.170 | 60.570 | 40.755 | 103.924 | 87.143 |
| Acari | - | 13 | 2 | - | 210 | 14 |
| Açu | 204 | 51 | 36 | 120 | 640 | 200 |
| Afonso Bezerra | - | 2 | 13 | - | 20 | 105 |
| Água Nova | 33 | 137 | 191 | 416 | 153 | 255 |
| Alexandria | 34 | 344 | 640 | 380 | 405 | 800 |
| Almino Afonso | - | 340 | 256 | - | 680 | 470 |
| Alto do Rodrigues | - | 45 | 1.232 | - | 225 | 560 |
| Angicos | - | 3 | 4 | - | 30 | 45 |
| Antônio Martins | 42 | 117 | 596 | 462 | 217 | 795 |
| Apodi | 118 | 450 | 1.980 | 395 | 3.000 | 2.640 |
| Areia Branca | 8 | 20 | 76 | 40 | 200 | 120 |
| Arês | 32 | 65 | 240 | 80 | 130 | 533 |
| Augusto Severo | 64 | 136 | 592 | 320 | 1.700 | 804 |
| Baía Formosa | 20 | 56 | 70 | 100 | 140 | 140 |
| Baraúna | 0 | 840 | 1.748 | 0 | 7.000 | 2.067 |
| Barcelona | 1 | 218 | 215 | 103 | 533 | 435 |
| Bento Fernandes | - | 33 | 268 | - | 272 | 488 |
| Bodó | - | 60 | 87 | - | 300 | 219 |
| Bom Jesus | 6 | 682 | 1.296 | 177 | 1.500 | 1.800 |
| Brejinho | 100 | 572 | 444 | 500 | 880 | 600 |
| Caiçara do Norte | - | 2 | 48 | - | 10 | 80 |
| Caiçara do Rio do Vento | - | 5 | 8 | - | 20 | 75 |
| Caicó | 182 | 10 | 8 | 70 | 54 | 27 |
| Campo Redondo | 9 | 1.935 | 2.400 | 752 | 4.720 | 3.000 |

Continua...

Tabela 2. Continuação.

| | Quantidade Produzida (tonelada) | | | Área Colhida (hectare) | | |
|----------------------------|---------------------------------|------|-------|------------------------|-------|-------|
| | 1990 | 1997 | 2004 | 1990 | 1997 | 2004 |
| Canguaretama | 60 | 90 | 156 | 300 | 180 | 220 |
| Caraúbas | 56 | 72 | 720 | 371 | 1.200 | 1.017 |
| Carnaúba dos Dantas | - | 2 | 1 | - | 20 | 13 |
| Carnaubais | 30 | 20 | 6 | 30 | 100 | 70 |
| Ceará-Mirim | 10 | 120 | 385 | 30 | 400 | 700 |
| Cerro Corá | 0 | 19 | 40 | 0 | 75 | 116 |
| Coronel Ezequiel | 4 | 538 | 690 | 269 | 1.415 | 1.380 |
| Coronel João Pessoa | 326 | 768 | 504 | 651 | 855 | 630 |
| Cruzeta | 78 | 19 | 8 | 30 | 84 | 30 |
| Currais Novos | - | 13 | 27 | - | 69 | 78 |
| Doutor Severiano | 51 | 436 | 1.870 | 510 | 485 | 1.870 |
| Encanto | 50 | 496 | 558 | 558 | 551 | 620 |
| Equador | - | 4 | 4 | - | 34 | 20 |
| Espirito Santo | 140 | 405 | 192 | 700 | 810 | 270 |
| Extremoz | 10 | 114 | 208 | 50 | 190 | 320 |
| Felipe Guerra | 9 | 75 | 59 | 90 | 500 | 94 |
| Fernando Pedroza | - | 1 | 2 | - | 6 | 20 |
| Florânia | 50 | 48 | 24 | 1.250 | 315 | 80 |
| Francisco Dantas | 46 | 143 | 306 | 582 | 204 | 340 |
| Frutuoso Gomes | - | 112 | 426 | - | 224 | 710 |
| Galinhos | - | 7 | 1 | - | 35 | 8 |
| Goianinha | 75 | 146 | 275 | 150 | 280 | 390 |
| Governador Dix-Sept Rosado | 0 | 78 | 471 | 0 | 650 | 672 |
| Grossos | 19 | 12 | 90 | 62 | 130 | 120 |
| Guamaré | - | 9 | 19 | - | 45 | 187 |
| Ielmo Marinho | 22 | 644 | 385 | 150 | 1.170 | 700 |
| Ipanguaçu | 440 | 63 | 1.056 | 200 | 210 | 480 |
| Ipueira | 0 | 2 | 2 | 0 | 10 | 5 |
| Itajá | - | 13 | 10 | - | 70 | 96 |
| Itaú | 9 | 28 | 792 | 72 | 400 | 1.043 |

Continua...

Tabela 2. Continuação.

| | <i>Quantidade Produzida (tonelada)</i> | | | <i>Área Colhida (hectare)</i> | | |
|--------------------|--|-------|-------|-------------------------------|-------|-------|
| | 1990 | 1997 | 2004 | 1990 | 1997 | 2004 |
| Jaçaná | 2 | 376 | 320 | 114 | 865 | 710 |
| Jandaíra | - | 32 | 28 | - | 200 | 140 |
| Janduís | 0 | 24 | 28 | 0 | 300 | 42 |
| Januário Cicco | 240 | 466 | 1.170 | 1.200 | 970 | 1.800 |
| Japi | 2 | 270 | 576 | 116 | 810 | 800 |
| Jardim de Angicos | - | 8 | 23 | - | 50 | 150 |
| Jardim de Piranhas | 0 | 7 | 38 | 0 | 36 | 130 |
| Jardim do Seridó | - | 21 | 10 | - | 600 | 27 |
| João Câmara | - | 99 | 825 | - | 760 | 1.500 |
| João Dias | 18 | 90 | 228 | 200 | 128 | 378 |
| José da Penha | 41 | 332 | 744 | 410 | 369 | 930 |
| Jucurutu | 0 | 27 | 66 | 0 | 148 | 200 |
| Jundiá | - | - | 154 | - | - | 220 |
| Lagoa d'Anta | 140 | 483 | 1.050 | 700 | 1.050 | 1.500 |
| Lagoa de Pedras | 160 | 360 | 224 | 800 | 775 | 320 |
| Lagoa de Velhos | 3 | 352 | 193 | 139 | 892 | 350 |
| Lagoa Nova | 0 | 29 | 102 | 0 | 154 | 292 |
| Lagoa Salgada | 105 | 1.386 | 1.095 | 350 | 1.750 | 1.460 |
| Lajes | - | 14 | 3 | - | 70 | 60 |
| Lajes Pintadas | 2 | 798 | 1.080 | 159 | 2.185 | 1.200 |
| Lucrécia | 7 | 124 | 370 | 52 | 248 | 600 |
| Luis Gomes | 143 | 732 | 464 | 572 | 812 | 580 |
| Macaíba | - | 728 | 756 | - | 1.400 | 840 |
| Macau | - | 12 | 27 | - | 60 | 180 |
| Major Sales | - | 470 | 264 | - | 522 | 330 |
| Marcelino Vieira | 19 | 344 | 675 | 216 | 405 | 900 |
| Martins | 43 | 1.826 | 600 | 542 | 2.435 | 790 |
| Maxaranguape | 3 | 12 | 84 | 10 | 30 | 140 |
| Messias Targino | 0 | 40 | 72 | 0 | 500 | 113 |

Continua...

Tabela 2. Continuação.

| | Quantidade Produzida (tonelada) | | | Área Colhida (hectare) | | |
|-----------------------|---------------------------------|------|-------|------------------------|-------|-------|
| | 1990 | 1997 | 2004 | 1990 | 1997 | 2004 |
| Montanhas | 80 | 270 | 333 | 400 | 540 | 470 |
| Monte Alegre | 120 | 608 | 483 | 150 | 760 | 700 |
| Monte das Gameleiras | 180 | 610 | 258 | 900 | 1.130 | 600 |
| Mossoró | 0 | 450 | 1.158 | 0 | 5.000 | 1.545 |
| Natal | - | - | - | - | - | - |
| Nísia Floresta | 7 | 52 | 252 | 20 | 80 | 280 |
| Nova Cruz | 500 | 900 | 806 | 2.500 | 1.800 | 1.560 |
| Olho-d'Água do Borges | - | 35 | 117 | - | 500 | 176 |
| Ouro Branco | - | 8 | 4 | - | 42 | 12 |
| Paraná | 31 | 116 | 392 | 312 | 129 | 490 |
| Paraú | 0 | 15 | 29 | 0 | 190 | 160 |
| Parazinho | - | 25 | 300 | - | 140 | 600 |
| Parelhas | 67 | 10 | 5 | 1.120 | 50 | 13 |
| Parnamirim | 7 | 38 | 99 | 12 | 70 | 150 |
| Passa e Fica | 200 | 569 | 880 | 1.000 | 1.105 | 1.100 |
| Passagem | 80 | 197 | 156 | 400 | 410 | 240 |
| Patu | 0 | 80 | 71 | 0 | 1.000 | 105 |
| Pau dos Ferros | 39 | 259 | 528 | 490 | 288 | 660 |
| Pedra Grande | - | 15 | 120 | - | 100 | 300 |
| Pedra Preta | - | 3 | 6 | - | 30 | 60 |
| Pedro Avelino | - | 3 | 15 | - | 40 | 300 |
| Pedro Velho | 60 | 156 | 238 | 300 | 260 | 340 |
| Pendências | - | 18 | 6 | - | 90 | 60 |
| Pilões | 26 | 92 | 569 | 288 | 108 | 948 |
| Poço Branco | - | 60 | 250 | - | 200 | 417 |
| Portalegre | 24 | 318 | 560 | 134 | 423 | 700 |
| Porto do Mangue | - | 1 | 4 | - | 10 | 36 |
| Presidente Juscelino | 3 | 608 | 930 | 171 | 1.195 | 1.550 |
| Pureza | - | 102 | 348 | - | 255 | 536 |

Continua...

Tabela 2. Continuação.

| | <i>Quantidade Produzida (tonelada)</i> | | | <i>Área Colhida (hectare)</i> | | |
|-------------------------|--|-------|-------|-------------------------------|-------|-------|
| | 1990 | 1997 | 2004 | 1990 | 1997 | 2004 |
| Rafael Fernandes | 39 | 156 | 232 | 390 | 174 | 310 |
| Rafael Godeiro | - | 24 | 262 | - | 300 | 451 |
| Riacho da Cruz | - | 102 | 255 | - | 170 | 300 |
| Riacho de Santana | 164 | 284 | 328 | 470 | 315 | 410 |
| Riachuelo | - | 272 | 476 | - | 803 | 850 |
| Rio do Fogo | - | 20 | 60 | - | 50 | 100 |
| Rodolfo Fernandes | 13 | 398 | 46 | 130 | 468 | 58 |
| Ruy Barbosa | 1 | 288 | 420 | 88 | 747 | 600 |
| Santa Cruz | 12 | 606 | 2.100 | 733 | 1.535 | 3.000 |
| Santa Maria | - | - | 360 | - | - | 600 |
| Santana do Matos | - | 12 | 23 | - | 80 | 150 |
| Santana do Seridó | - | 4 | 1 | - | 20 | 8 |
| Santo Antônio | 300 | 968 | 567 | 1.500 | 1.936 | 945 |
| São Bento do Norte | - | 15 | 160 | - | 90 | 400 |
| São Bento do Trairi | 4 | 763 | 432 | 246 | 1.375 | 540 |
| São Fernando | 0 | 1 | 1 | 0 | 5 | 5 |
| São Francisco do Oeste | 30 | 155 | 270 | 370 | 194 | 360 |
| São Gonçalo do Amarante | - | 275 | 308 | - | 500 | 440 |
| São João do Sabugi | 0 | 5 | 7 | 0 | 30 | 20 |
| São José de Mipibu | 18 | 372 | 414 | 50 | 610 | 460 |
| São José do Campestre | 200 | 1.021 | 228 | 1.000 | 1.920 | 350 |
| São José do Seridó | - | 20 | 2 | - | 200 | 6 |
| São Miguel | 1.477 | 3.420 | 2.007 | 5.908 | 3.800 | 2.230 |
| São Miguel do Gostoso | - | 351 | 715 | - | 1.350 | 1.300 |
| São Paulo do Potengi | - | 315 | 720 | - | 940 | 1.200 |
| São Pedro | 40 | 208 | 1.016 | 800 | 500 | 1.355 |
| São Rafael | - | 36 | 5 | - | 200 | 36 |
| São Tomé | 4 | 542 | 422 | 360 | 1.485 | 650 |
| São Vicente | 0 | 12 | 27 | 0 | 67 | 78 |

Continua...

Tabela 2. Continuação.

| | Quantidade Produzida (tonelada) | | | Área Colhida (hectare) | | |
|--------------------------|---------------------------------|------|------|------------------------|-------|-------|
| | 1990 | 1997 | 2004 | 1990 | 1997 | 2004 |
| Senador Elói de Souza | 3 | 353 | 822 | 131 | 780 | 1.550 |
| Senador Georgino Avelino | - | 88 | 112 | - | 170 | 180 |
| Serra de São Bento | 200 | 750 | 607 | 1.000 | 1.400 | 920 |
| Serra do Mel | - | 12 | 5 | - | 80 | 50 |
| Serra Negra do Norte | 0 | 4 | 13 | 0 | 25 | 38 |
| Serrinha | 240 | 680 | 288 | 1.200 | 1.360 | 480 |
| Serrinha dos Pintos | - | 855 | 525 | - | 1.188 | 700 |
| Severiano Melo | 32 | 144 | 274 | 230 | 1.200 | 390 |
| Sítio Novo | 2 | 378 | 130 | 167 | 995 | 200 |
| Taboleiro Grande | 4 | 178 | 272 | 55 | 255 | 340 |
| Taipu | - | 150 | 185 | - | 500 | 336 |
| Tangará | 2 | 244 | 162 | 112 | 660 | 250 |
| Tenente Ananias | 31 | 417 | 624 | 348 | 491 | 780 |
| Tenente Laurentino Cruz | - | 12 | 37 | - | 80 | 104 |
| Tibau | - | 26 | 39 | - | 290 | 68 |
| Tibau do Sul | 28 | 70 | 66 | 70 | 140 | 110 |
| Timbaúba dos Batistas | 0 | 3 | 6 | 0 | 15 | 16 |
| Touros | - | 351 | 770 | - | 1.350 | 1.400 |
| Triunfo Potiguar | - | 23 | 26 | - | 290 | 130 |
| Umarizal | - | 45 | 226 | - | 900 | 324 |
| Upanema | 0 | 64 | 255 | 0 | 800 | 354 |
| Várzea | 140 | 972 | 129 | 700 | 1.215 | 215 |
| Venha-Ver | - | 368 | 810 | - | 409 | 810 |
| Vera Cruz | 32 | 540 | 296 | 800 | 1.080 | 650 |
| Viçosa | - | 61 | 78 | - | 102 | 130 |
| Vila Flor | 30 | 24 | 26 | 150 | 60 | 45 |

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2005b.

Tabela 3. Área Colhida por estratos de área nos principais municípios do Rio Grande do Norte produtores de milho, 1996.

| | <i>Menos de 50 ha</i> | <i>50 a menos de 200 ha</i> | <i>200 a menos de 1.000 ha</i> | <i>1.000 a menos de 5.000 ha</i> | <i>Maior que 5.000 ha</i> |
|----------------------------|---------------------------|---------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|
| Rio Grande do Norte | 74.109,63 | 26.016,75 | 21.614,74 | 7.709,45 | 804,95 |
| Açu | 964,90 | 61,39 | 39,69 | 0,00 | 0,00 |
| Alexandria | 573,45 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Antônio Martins | 751,32 | 65,75 | 44,25 | 157,00 | 0,00 |
| Apodi | 1.663,75 | 296,41 | 124,69 | 30,00 | 0,00 |
| Augusto Severo | 1.240,46 | 164,61 | 114,10 | 0,00 | 0,00 |
| Baraúna | 1.952,74 | 501,65 | 332,41 | 10,00 | 0,00 |
| Campo Redondo | 1.992,12 | 247,44 | 83,73 | 85,00 | 0,00 |
| Canguaretama | 570,39 | 760,36 | 686,43 | 564,36 | 18,00 |
| Caraúbas | 918,84 | 208,53 | 72,00 | 27,00 | 0,95 |
| Cerro Corá | 1.685,53 | 158,48 | 191,10 | 230,03 | 11,00 |
| Coronel Ezequiel | 992,93 | 36,90 | 3,50 | 0,00 | 0,00 |
| Coronel João Pessoa | 556,04 | 116,40 | 2,00 | 3,00 | 0,00 |
| Currais Novos | 861,27 | 301,10 | 173,50 | 0,00 | 0,00 |
| Doutor Severiano | 674,59 | 172,32 | 53,79 | 1,00 | 0,00 |
| Espírito Santo | 540,60 | 150,03 | 363,00 | 20,00 | 230,00 |
| Florânia | 681,13 | 86,19 | 12,25 | 0,00 | 0,00 |
| Governador Dix-Sept Rosado | 962,50 | 176,35 | 248,95 | 93,00 | 0,00 |
| Ipanguaçu | 602,78 | 2,58 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Jaçanã | 731,86 | 0,00 | 2,80 | 0,00 | 0,00 |
| Januário Cicco | 801,35 | 48,50 | 54,77 | 60,00 | 0,00 |
| Jardim de Angicos | 774,39 | 240,88 | 110,63 | 2,00 | 0,00 |
| João Câmara | 2.766,58 | 129,63 | 218,44 | 33,50 | 0,00 |
| José da Penha | 744,28 | 82,59 | 42,95 | 0,00 | 0,00 |
| Lagoa Nova | 1.480,44 | 288,58 | 162,55 | 144,00 | 0,00 |
| Lajes Pintadas | 626,94 | 109,28 | 99,89 | 0,00 | 0,00 |
| Luís Gomes | 1.510,76 | 697,08 | 738,42 | 316,00 | 0,00 |
| Marcelino Vieira | 549,95 | 72,14 | 23,49 | 0,00 | 0,00 |
| Martins | 1.491,16 | 3,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |

Continua...

Tabela 3. Continuação..

| | <i>Menos de 50 ha</i> | <i>50 a menos de 200 ha</i> | <i>200 a menos de 1.000 ha</i> | <i>1.000 a menos de 5.000 ha</i> | <i>Maior que 5.000 ha</i> |
|-----------------------|---------------------------|---------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|
| Mossoró | 1.809,51 | 201,97 | 96,50 | 0,00 | 0,00 |
| Nova Cruz | 1.092,43 | 159,35 | 151,03 | 0,00 | 0,00 |
| Pedra Preta | 614,35 | 349,03 | 264,60 | 25,00 | 0,00 |
| Presidente Juscelino | 747,11 | 359,34 | 348,40 | 18,00 | 0,00 |
| Ruy Barbosa | 644,24 | 4,13 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Santa Cruz | 1.509,38 | 28,50 | 25,00 | 3,00 | 0,00 |
| Santana do Matos | 894,72 | 105,33 | 31,62 | 0,50 | 0,00 |
| Santo Antônio | 1.969,15 | 48,29 | 27,91 | 0,00 | 0,00 |
| São José do Campestre | 1.104,37 | 140,00 | 203,50 | 42,00 | 0,00 |
| São Miguel | 2.671,82 | 240,83 | 135,06 | 1,00 | 0,00 |
| São Paulo do Potengi | 906,08 | 428,23 | 322,53 | 9,00 | 125,00 |
| São Pedro | 608,52 | 32,60 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| São Tomé | 1.737,33 | 139,07 | 82,50 | 70,00 | 0,00 |
| Serra de São Bento | 1.272,71 | 1.387,32 | 1.192,00 | 0,00 | 0,00 |
| Serrinha | 1.449,71 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Taipu | 623,61 | 325,61 | 203,44 | 0,00 | 0,00 |
| Tangará | 912,34 | 5,00 | 30,00 | 0,00 | 0,00 |
| Tenente Ananias | 764,24 | 192,53 | 11,55 | 150,00 | 0,00 |
| Touros | 768,24 | 98,30 | 79,10 | 10,00 | 0,00 |
| Várzea | 653,36 | 53,91 | 30,00 | 2,00 | 0,00 |

Fonte: Censo Agropecuário do Brasil - IBGE, 2005a.



Tabuleiros Costeiros